

Relato 1 – Primeiras Impressões da Escola e da Prática Docente

O Estágio II marcou, de fato, o meu primeiro contato direto com a sala de aula, visto que, no Estágio I, também realizado na mesma unidade da rede FAETEC, minha experiência ficou restrita à observação externa da instituição — sua organização, funcionamento e infraestrutura. Já neste segundo momento, a perspectiva mudou completamente: pude vivenciar a escola a partir do olhar de quem está prestes a ocupar a posição de professor.

Confesso que, inicialmente, não nutro o desejo de seguir a carreira docente como projeto profissional imediato, já que atuo em outra área. No entanto, sempre considerei o magistério uma profissão que exige uma entrega intensa e comprometida. Lidar com pessoas em formação, especialmente em momentos tão decisivos como o final do ensino fundamental e o ensino médio, é uma grande responsabilidade. Ensinar Química nesse contexto é mais do que transmitir conteúdo: é participar, ainda que por um breve período, de escolhas que impactarão diretamente os rumos acadêmicos e profissionais dos alunos.

Estar dentro da sala de aula pela primeira vez foi uma experiência de virada de chave. Como aluno, muitas vezes colocamos a escola como o centro do nosso universo. Mas ao entrar como estagiário, vi aquele espaço com outros olhos — um lugar transitório, que acolhe jovens em movimento, cheios de dúvidas, de demandas e de histórias. A primeira turma que acompanhei foi do 1º ano do ensino médio, da formação geral. Um grupo diverso, onde convivem alunos mais atentos e concentrados com outros que conversam durante toda a aula, dividem o tempo entre copiar o conteúdo e dialogar com os colegas.

Logo percebi que administrar uma sala de aula vai além de manter a disciplina. É preciso encontrar um equilíbrio delicado entre manter o foco no conteúdo, conquistar a atenção dos alunos e estabelecer uma relação de respeito. A professora que acompanho já chega com as aulas preparadas, escreve no quadro, organiza o tempo, entrega atividades, e mesmo assim precisa, por diversas vezes, intervir para conter ruídos e conversas paralelas. O uso do celular é constante, e ela frequentemente precisa pedir que os aparelhos sejam guardados.

Uma das primeiras coisas que me chamaram atenção foi a presença de mediadores em algumas turmas — estagiários de pedagogia que acompanham alunos com neurodivergências. Esses mediadores participam das aulas e realizam provas mediadas fora da sala, o que mostra que a escola se esforça para atender a um público diverso, mesmo dentro das limitações estruturais.

Mesmo com todas as dificuldades, a professora demonstra domínio de conteúdo, desenvoltura na comunicação, e principalmente uma clareza de função: ela sabe quando acolher e quando se impor, sabe quando é necessário interromper a aula para cuidar de um aluno em crise e quando é necessário puxar a responsabilidade para si. Isso me fez perceber o quanto o trabalho docente exige sensibilidade, atenção e preparo. Não é apenas sobre ensinar um conteúdo, mas sobre estar atento às pessoas, aos ruídos, às emoções, às relações.

Essa primeira vivência dentro da sala de aula foi essencial para que eu compreendesse que ser professor é, ao mesmo tempo, um exercício de humanidade e de resistência. Mesmo não tendo como plano imediato seguir na carreira, saio desse primeiro contato com um respeito ainda maior por quem, diariamente, entra em sala e enfrenta a complexidade do ato de ensinar.